

**VOORT**, Hein van der (2004). *A Grammar of Kwaza*. Berlin: Mouton de Gruyter. Pp. xxxviii+ 1026. 39 tabelas, 3 mapas, 11 fotos. Inclui 1CD-ROM. ISBN 3-11-017869 9. CLOTH. EURO (D) 148.00.

Até uns anos atrás era difícil encontrar estudos que abordassem amplamente as gramáticas das línguas indígenas. Por exemplo, Rodrigues (1986: 94) dizia que “entre os Aikaná vivem os que são, aparentemente, os sete últimos falantes da língua Koaiá, conhecidos naquela área<sup>1</sup> como “Arara”. Nenhum estudo foi feito desta língua, nem do respectivo povo”. Essa realidade só agora pode ser mudada, pois em 2004 foi publicado, em versão inglesa, o livro “*A Grammar of Kwaza*” escrito pelo lingüista holandês Hein van der Voort. Esta obra é uma versão revisada da tese de doutorado do autor, resultado das pesquisas de campo realizadas junto às aldeias Kwaza no período 1995-2002.

O livro representa a primeira descrição sistemática e ampla da língua Kwaza conhecida também com Koaiá (Voort, 2005) ou chamada erroneamente de Arara. Contudo, o termo Arara pode levar a confusões, há pelo menos outras quatro línguas de famílias lingüísticas diferentes conhecidas por esse nome. Além disso, o termo é rejeitado pelos próprios Kwaza. De acordo com o autor, o nome *kwa'za* é a autodenominação atual, que como grupo se denomina *kwa'za-nahere* e lingüisticamente como *kwa'za-dy-nāi* ‘língua Kwaza’. Já o nome Koaiá [*kwa'ja*] e suas variações ortográficas *Coaia*, *Quaia* seriam de origem Tupi (Voort, 2004: 730).

Como esclarece o autor, o livro é uma descrição ampla da língua Kwaza, desta feita não segue um modelo teórico específico, nem se preocupa com as implicações teóricas que possam suscitar da análise respectiva, sendo o objetivo principal: “to prevent the Kwaza language from disappearing without leaving behind representative documentation” (p. 27). Nesse sentido, a descrição apresentada visa ser compreensível e acessível tanto para o lingüista quanto para qualquer leitor interessado nessa língua.

Constituído de 1.026 páginas, seria impossível, em uma resenha, fazer jus à tão densa e valiosa contribuição. Neste sentido, apenas me limito a descrever brevemente os conteúdos dos diferentes capítulos da obra. Como dito anteriormente, a publicação é o resultado das pesquisas de campo que o autor realizou entre os anos 1995 e 2002 junto aos falantes Kwaza.

A obra está dividida em três partes: Gramática, Textos e Léxico. A primeira parte, Gramática, por sua vez, está dividida em: (1) Introdução. (2) Fonologia. (3) Partes do discurso e ordem dos constituintes. (4) O Sintagma Nominal. (5) O Sintagma Verbal. (6) Advérbios e Locuções Adverbiais. (7) Outras estruturas morfossintáticas. (8)

---

<sup>1</sup> O autor refere-se à região do leste do alto rio Pimenta Bueno, no sudeste de Rondônia.

Subordinação e Coordenação e, (9) Categorias Léxico-Semânticas. A segunda parte diz respeito a Textos e inclui: (1) Narrativas tradicionais. (2) Acontecimentos autobiográficos e, (3) Letras de canções. Finalmente, a terceira parte está dedicada ao Dicionário dividido em Vocabulário Kwaza-Inglês e Índice Inglês-Kwaza. Fechando incluem-se as referências, o inventário de afixos e o índice de conteúdos, os dois últimos muito úteis para a localização das informações relacionadas à análise da língua.

Na primeira parte, o capítulo (1) traz informações relevantes sobre a localização geográfica e a classificação lingüística. A população está constituída por 25 pessoas, e está localizada na reserva Tubarão-Latundê nas cabeceiras do rio Apediá ou Pimenta Bueno, no município de Chupinguaia, estado de Rondônia, Brasil. Linguisticamente é tratada como língua amazônica isolada. A classificação genealógica dessa língua, comparando-a com suas vizinhas Aikanã, Jabuti e Kanoê, tem sido discutida em trabalho posterior pelo mesmo autor (cf. Voort, 2005). Além das informações histórico-sociais, estudos prévios, entre outros, ressalta-se a inclusão, nesse capítulo, de um resumo das características fonético-fonológicas e gramaticais do Kwaza, alguns desses aspectos serão comentados nas seções seguintes da presente resenha.

A fonologia da língua é descrita no capítulo (2). São postuladas oito vogais orais, a saber: / i, e, ε, y, œ, a, o, u/, sete nasais/ î, ê, ë, ÿ, ã, ù, õ / e dezenove consoantes/ p, t, c, k, ʔ, b, d, ts, tx, s, x, h, m, n, ñ, r, l, w, j/. A estrutura silábica é predominantemente (C)V, não ocorrem consoantes em posição da Coda. Na ocorrência de glides, a estrutura silábica passa ser (C)(G)V(G). O autor considera a nasalidade como parcialmente fonológica porque quase todas as vogais orais têm sua contraparte nasal. A nasalidade ainda pode espriar-se para sílabas adjacentes.

Ainda sobre fonologia, o autor faz considerações sobre o acento, sobre a interpretação dos glides e suas combinações na fonotática da língua. As variações fonéticas dos segmentos que ocorrem entre os 25 falantes da língua e as variações condicionadas morfofonologicamente também são consideradas. O autor ainda descreve os segmentos que são introduzidos a partir de empréstimos da língua Aikanã e, principalmente, do Português. Como seção final do capítulo, foi incluída uma breve descrição das relações entre os fonemas e a ortografia desenvolvida pelo autor em colaboração com os próprios Kwaza.

Os conteúdos do capítulo (3) dizem respeito às classes de palavras e à ordem dos constituintes. A morfologia da língua é considerada complexa e estritamente sufixante. A palavra pode estar constituída por morfemas flexionais e derivacionais. Em se tratando dos morfemas classificadores e marcadores de objeto, a diferença entre flexão e derivação não é tão evidente. As classes de palavras reconhecidas são Nomes, Verbos, Advérbios e Partículas. Não foram encontradas evidências para se reconhecer como classes, os Adjetivos, Artigos e Adposições.

Referente à ordem dos constituintes, ela parece ser relativamente livre, a característica principal é que a concordância relacionada aos argumentos ocorre obrigatoriamente no núcleo do predicado. Em construções intransitivas a ordem SV resulta ser mais freqüente, mas pode ocorrer também a estrutura VS. Em construções com verbo transitivo, mas sem argumento externo, a construção OV é a mais esperada, a outra possibilidade é a ocorrência de VO. Em se tratando de construções transitivas com a realização plena dos argumentos externo e interno, as ordens mais comuns são SVO ou SOV.

O foco principal do capítulo (4) é o Sintagma Nominal. Destaca-se nessa seção o tratamento dos marcadores de caso e os classificadores. Os nomes em Kwaza não recebem flexão de número, gênero ou definitude, mas sim marcadores de caso e de possessão. Na marcação de caso, ressalta-se o sufixo {-wa} marcador de ‘objeto animado’ e a presença de marcadores oblíquos, empregados para indicar as relações semânticas entre o verbo e seus satélites nominais. Esses marcadores são sufixos e indicam: {-na} ‘locativo’, {-ko} ‘instrumental/cislocativo’, {-du} ‘beneficiário’, {-dyn̄} ‘comitativo’.

Uma característica importante da morfologia do Kwaza refere-se ao agrupamento dos nomes em classes, assinalados por marcadores específicos, que Voort os chama de Classificadores. Estes classificadores são morfemas presos cuja função principal é: 1) Marcar a classe do um argumento nominal dentro do SV, 2) Indicar a classe nominal dos nomes.

Os classificadores são agrupados em três grandes tipos: I) Classificadores etimologicamente opacos, são morfemas que não possuem uma relação etimológica clara com os nomes que classificam; II) Classificadores etimologicamente transparentes, eles possuem uma distribuição limitada, assemelham-se a determinados nomes plenos e poderiam ser analisados como compostos incorporados ou mesmo como variantes morfofonológicas reduplicadas de seus correspondentes nomes plenos; III) Classificadores não relacionados etimologicamente, este tipo de classificadores não mostra relação alguma com nomes independentes específicos, mas pode formar nomes livres quando se sufixam à raiz vazia {e-}<sup>2</sup>. O autor lista um total de 150 classificadores, os mesmos que são agrupados provisoriamente de acordo as características semânticas que denotam: a) forma, b) substância/textura, c) parte-todo, d) direção/espaco/forma, e) função, f) específico, g) neutro, h) sexo, i) metafórico.

Outro aspecto importante que merece atenção nesse capítulo relaciona-se à modificação atributiva. Como não há uma classe adjetivos em Kwaza toda modificação atributiva do núcleo nominal é feita por justaposição. O modificador pode ser um nome primitivo ou um nome derivado de outro nome, verbo ou advérbio. Dois subtipos de modificação nominal ocorrem. O primeiro se dá pela derivação Nome-Nome, uma construção possessiva como ocorrência obrigatória do morfema possessivo {dy-}. No segundo caso, ocorre a justaposição de nomes, aqui um nome dependente modifica um núcleo nominal. Nesse tipo de modificação são incluídos os demonstrativos, numerais e raízes atributivas a-categoriais, sendo necessária a presença de um morfema nominalizador, principalmente {-h̄ȳ}, um classificador ou bem outro nominalizador para constituir um radical ou uma palavra completa que seja capaz de se manifestar numa construção atributiva.

O capítulo (5) trata do Sintagma Verbal. Formalmente o verbo em Kwaza consta de um radical preso, sendo os sufixos flexionais de pessoa e modo obrigatórios. Entre o radical e os sufixos de pessoa e modo podem ocorrer opcionalmente sufixos derivacionais, tais como os marcadores de mudança verbal, aspectuais, direcionais, entre outros.

---

<sup>2</sup> Segundo o autor, o morfema vazio {e-} pode indicar propriedades inalienáveis quando os nomes se referem a partes do corpo, plantas e partes de outros objetos. Contudo, nem todos com {e-} se comportam dessa maneira, nem todos os nomes de partes do corpo levam {e-} inicial. (cf. p. 151-152).

Embora não sejam apresentados critérios explícitos que diferenciem flexão de derivação, os sufixos são agrupados entre os que parecem ser mais flexionais tais como os marcadores de concordância de pessoa ('cross-reference') e modo. Os mais derivacionais, tais como os morfemas direcionais, os de mudança de valência, os que indicam tempo, modalidade e aspecto, e os nominalizadores são caracterizados como derivacionais. Todos esses marcadores são sistematicamente discutidos com apresentação de muitos exemplos que mostram seu funcionamento no sistema da língua.

É relevante mencionar que o modo é dado por um morfema obrigatório que se posiciona ao final do verbo, quatro modos relacionados com a oração matriz são reconhecidos: {-ki ou -tse} 'declarativo', {-re} 'interrogativo'. Um terceiro modo, 'persuasivo', inclui, por sua vez, o imperativo marcado por {-ra}, o exortativo-causativo indicado pelo morfema {-ni} para referir-se a primeira pessoa inclusiva e terceiras pessoas e o volitivo assinalado por {-my ~ } para as outras primeiras pessoas. O modo 'proibitivo' também inclui outros sub-modos, a saber: o imperativo negativo indicado pelo morfema {-ky}, o imperativo exortativo dado por {-i)ni} e o de monitoria ('monitory')<sup>3</sup> marcado pelo morfema {-tsi}. As construções subordinadas não são afetadas pelos marcadores de modo, mas o verbo subordinado recebe o sufixo co-subordinado {-ta} ou {-si}. Nesse sentido, o conteúdo modal é determinado pelo modo expresso no verbo da oração matriz. Ao concorrerem os morfemas de modo, tempo e aspecto, os dois últimos são expressos na morfologia verbal por diversos meios. O processo de reduplicação e a presença de vários sufixos servem para indicar tempo, aspecto e outros contrastes modais.

Em Kwaza há distinção entre tempo futuro e não futuro, porém, o contraste entre passado e presente não é marcado morfologicamente. Nesse caso, a diferença é feita mediante determinados advérbios que indicam tempo. Há morfemas específicos para indicar aspecto repetitivo e habitual, entretanto, o contraste entre tempo passado e diversos graus de aspecto perfectivo é muito vago.

Ainda no capítulo da morfologia verbal estão incluídos os processos de nominalização verbal que, como argumenta o autor, a derivação de nomes a partir de verbos é um processo produtivo na língua e constitui a única estratégia para a formação de cláusulas de complemento. Vale lembrar que em Kwaza não há uma classe de adjetivos, deste modo, para construções com modificadores usam-se nomes e raízes verbais nominalizadas. Também advérbios são frequentemente formados mediante o processo de nominalização.

O capítulo (6) aborda os advérbios e as expressões adverbiais. O autor apresenta várias características formais e funcionais para o reconhecimento de uma classe Advérbios em Kwaza. Pelo menos dois tipos básicos de advérbios são reconhecidos. O primeiro deles são lexemas independentes que apresentam morfologia simples; o segundo tipo é dado por lexemas que apresentam uma grande complexidade morfológica, cuja formação é pouco produtiva. Adicionalmente, nomes que recebem classificadores podem funcionar como advérbios, assim como outras categorias sujeitas a operações morfológicas específicas que também podem funcionar como advérbios.

---

<sup>3</sup> 'Monitory' é também um modo proibitivo, possui o valor de 'prudência', 'advertência', 'prevenção' direcionado para o ouvinte, no sentido de que alguma coisa negativa pode ocorrer.

Outras estruturas morfossintáticas são o tema do capítulo (7). Nele incluem-se outros aspectos da morfologia que não são nem nominais nem verbais, são eles: a negação (7.1), os morfemas ‘miscelâneos’ (7.2), a reduplicação (7.3), a composição (7.4) e a elipse morfológica (7.5). Em (7.6) apresenta-se um panorama geral sobre o comportamento gramatical atípico de radicais lexicais sem conteúdo semântico. Fechando o capítulo, em (7.7), são discutidas as partículas. Destacam-se, aqui, três partículas que servem de conectores de cláusula, a partícula *tana* ‘então’, *hele* ‘ou’, *wara* ‘mas’. Além dessas, são consideradas como partículas as interjeições e os elementos exclamativos.

Construções complexas como subordinação e coordenação são alvos do capítulo (8). Nele é tratada a morfologia dos verbos em construções complexas. Três tipos de cláusulas são reconhecidos em Kwaza: matriz ou principal, subordinada e medial. Todas as orações consistem de uma cláusula principal, também podem estar formadas por uma cláusula principal que, por sua vez, inclui outras cláusulas, adverbiais. Por exemplo, o verbo da cláusula matriz ocupa a posição final da oração e as cláusulas subordinadas costumam preceder o verbo principal. Focaliza-se que o contraste nesse tipo de construções é dado pela morfologia flexional do verbo.

Além das construções subordinadas, o Kwaza apresenta construções que semanticamente são coordenadas com a cláusula matriz, mas que morfossintaticamente ficam subordinadas a essa construção principal, formando uma cadeia múltipla de cláusulas. Este tipo de construção o autor chama de cláusulas co-subordinadas ou mediais (‘medial clauses’). Esse tipo de construções “occurs in chains of verbal expression, in which one predicate acts as the main predicate and bears matrix clause mood marking, while the others precede this predicate and are marked for cosubordination. The cosubordinated predicate represents a “medial” clause” (p. 653-54). Dois tipos básicos de “medial clauses” são discutidos: i) aqueles em que os sujeitos da cláusula matriz e da subordinada são diferentes e, ii) aqueles em que os sujeitos não são co-referentes. O primeiro tipo é glosado nos exemplos gramaticais como ‘cosubordinado’ (CSO) e o segundo como ‘referência alternada’ (‘switch reference’) ou (SWR).

O capítulo (9) é dedicado a tópicos relacionados ao léxico Kwaza, entre eles estão o registro de fala de crianças e as categorias léxico-semânticas, entre estas nomes de cores, de parentesco, de termos de forma, nomes próprios de pessoa, cachorros e rios. Também se inclui uma seção dedicada ao tratamento dos ideofones.

A segunda parte do livro inclui treze textos e algumas letras de canções. Seis desses textos e cinco canções estão também registrados no CD-ROM que acompanha a obra. Dos treze textos, os sete primeiros são relatos tradicionais da região, os textos oito e nove são relatos histórico-pessoais da época quando os Kwaza mantinham pouquíssimo contato com a sociedade nacional; os textos dez a doze são narrativas autobiográficas atuais. O texto treze é uma tradução arranjada por falantes nativos de um texto em português, inicialmente redigido pelo pesquisador. É relevante mencionar que todos os textos estão em tradução justalinear, acompanhados de uma tradução mais livre em Português. Já as letras das canções, em sua maioria, aparecem em versão monolíngüe, as palavras da maioria dessas canções não têm conteúdo lexical (p. 807).

A terceira e última parte está constituída pelo dicionário Kwaza-Inglês e o índice Inglês-Kwaza. Os 2.200 lemas do dicionário foram ordenados alfabeticamente, segundo a ortografia proposta para a língua Kwaza. Para cada lema foram indicadas suas categorias lexicais correspondentes e suas glosas em Inglês. Diversos exemplos ilustram o uso de cada entrada. Nomes e advérbios foram inseridos como palavras independentes, já para a entrada dos verbos foi considerada a raiz, sem flexão alguma. Os afixos também receberam entradas independentes. As entradas correspondentes à fauna e flora são acompanhadas dos nomes científicos, em alguns casos são apresentados os nomes populares em Português. O vocabulário inclui também os empréstimos introduzidos a partir do Português, principalmente àqueles que estão lexicalizados e já adaptados à fonologia da língua nativa. A parte correspondente ao Índice Inglês-Kwaza inclui uma lista de 2.800 itens em língua inglesa com suas glosas correspondentes em língua indígena. Na verdade, a seção do léxico é realmente um índice que ajuda, a partir do Inglês, na localização de palavras indígenas que se encontram no dicionário.

Além das referências bibliográficas, o livro traz uma lista dos afixos flexionais e derivacionais, colocados em ordem alfabética. Posteriormente, esses mesmos afixos foram ordenados de acordo com seus significados e funções na língua, divididos em classificadores, direcionais, afixos demonstrativos, afixos nominais, verbais e outros afixos.

Em suma, este livro é uma obra monumental, escrito por um pesquisador que desde 1995 vem contribuindo muito na divulgação e conhecimento da língua Kwaza. O autor procurou ser cuidadoso na análise dos dados, abrindo um leque de possibilidades nas interpretações para aqueles morfemas que possuem até mais de uma função.

“A Grammar of Kwaza” é uma edição bem vinda, pois representa uma grande contribuição a descrição e conhecimento do Kwaza e das línguas indígenas sul-americanas em geral. Sem dúvida, o livro será um material de consulta obrigatória para os especialistas nas línguas indígenas, para os estudiosos interessados nas línguas faladas na região do Guaporé, estado de Rondônia, Brasil, e para os interessados na tipologia das línguas, pois o Kwaza é uma das línguas ameríndias que possui propriedades gramaticais ainda não atestadas pela própria Teoria Lingüística. Entretanto, seria louvável ter no futuro uma versão mais popular em Português dessa obra, pois com isso se estaria realmente contribuindo com os próprios falantes da língua.

Para terminar os comentários sobre esta valiosa publicação, merece ressaltar que mesmo sendo uma obra de mais de mil páginas, os erros de impressão são praticamente nulos. Foram localizados apenas seis erros de digitação nas páginas: 114, 116, 244, 296, 315, 601 e um erro de tradução na página 601, exemplo (2139).

**REFERÊNCIAS**

- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. (1986). *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das Línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- ROQUETE-PINTO, Edgard. (2005). *Rondônia: antropologia-ethnografia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ
- VOORT, Hein van der (2005). Kwaza in a comparative perspective. *IJAL* 71(4): 365-412.

**Angel Corbera Mori**  
(IEL-UNICAMP)